

**ÁREA TEMÁTICA: EMPREENDEDORISMO, INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE
EM ECOSISTEMAS LOCAIS**

**INOVAÇÃO SOCIAL: EFEITOS DE PROJETOS SOCIALMENTE INOVADORES
NO COTIDIANO DE COMUNIDADES DO RIO DE JANEIRO**



Resumo

Este artigo visa identificar quais são os efeitos de projetos socialmente inovadores na vida de ex-participantes que residem em favelas no Rio de Janeiro. Para isso, são discutidos temas como a industrialização e a falta de políticas públicas no Rio de Janeiro, que contribuíram para o desenvolvimento desigual das favelas, agravando, assim, a exclusão social. A inovação social surge para abarcar essas necessidades, implicando no desenvolvimento de novas soluções para atender às necessidades emergentes das comunidades, muitas vezes através de projetos de impacto social conduzidos por ONGs. São tratados outros temas de cunho social, tais como o empreendedorismo social, e também o afroempreendedorismo e o empreendedorismo "à brasileira", que surgiram como resposta a essa carência social, oferecendo novas formas de inclusão e diferentes meios de empreender voltados para o social. A partir de uma abordagem qualitativa, foi utilizada a entrevista semiestruturada e o processo de codificação e categorização *a posteriori* para a análise dos dados. Os principais resultados indicam um grande número de experiências positivas relacionadas à pós-participação dos projetos, que incluem o desenvolvimento de novas habilidades, inclusão social e a importância do projeto para a capacitação profissional e educacional.

Palavras-chave: Inovação Social; Projetos Socialmente Inovadores; Impacto, Desigualdade e Favelas.

Abstract

This article aims to identify the impact of socially innovative projects on the lives of former participants living in "favelas" in Rio de Janeiro. To this end, it discusses topics such as industrialization and the lack of public policies in Rio de Janeiro, which contributed to the uneven development of favelas, thus exacerbating social exclusion. Social innovation emerges to address these needs, involving the development of new solutions to meet the emerging needs of communities, often through social impact projects led by NGOs. Other socially relevant topics are addressed, such as social entrepreneurship, and also Afro-entrepreneurship and "Brazilian-style" entrepreneurship, which emerged as a response to this social need, offering new forms of inclusion and different ways of undertaking socially oriented initiatives. Based on a qualitative approach, semi-structured interviews and a subsequent coding and categorization process were used for data analysis. The main results indicate a large number of positive experiences related to post-participation in the projects, which include the development of new skills, social inclusion and the importance of the project for professional and educational training.

Key-words: Social Innovation; Socially Innovative Projects; Impact, Inequality and Favelas.

1. Introdução

A inovação social no Brasil tem ganhado cada vez mais atenção, especialmente nos campos da administração e inovação, impulsionada pelas crescentes desigualdades socioeconômicas (Bezerra-de-Sousa *et al.*, 2020).

Segundo Campigotto-Sandri *et al.* (2020), a inovação social é definida como o desenvolvimento de novas soluções para as necessidades comunitárias emergentes que devem, necessariamente, gerar impacto social.

Projetos socialmente inovadores, de acordo com Izaga *et al.* (2023), promovem novas dinâmicas socioeconômicas em favelas, áreas urbanas historicamente negligenciadas pelo setor público, que enfrentam a falta de saneamento básico, água potável, energia, iniciativas de esporte e lazer e educação. A industrialização do Rio de Janeiro, de acordo com Toledo (2018), devido à falta de políticas públicas adequadas, contribuiu para a exclusão social e o crescimento das favelas.

Alternativas para gerar impactos sociais positivos vêm sendo discutidas com maior frequência no campo dos estudos organizacionais, em resposta às crises econômicas das últimas décadas. Projetos sociais, por sua vez, são uma alternativa frente à incapacidade dos governos de atender às crescentes demandas por serviços sociais, particularmente em países menos desenvolvidos, como o Brasil (Kon, 2018).

Projetos de empreendedorismo social emergem como uma destas alternativas, sendo uma resposta eficaz à exclusão, promovendo oportunidades de emprego e novas formas de organização social para moradores de favelas, criando um impacto positivo nas suas condições de vida (Bezerra-de-Sousa *et al.*, 2020).

Entre as vertentes do empreendedorismo social, destaca-se o empreendedorismo social tradicional, que se caracteriza pela utilização de recursos voltados à obtenção de lucro para enfrentar desafios da sociedade por meio de criatividade e inovação (Oliveira; Silva; Costa, 2023). Além disso, também ganha destaque o empreendedorismo social à brasileira, que, segundo Afonso e Sarayed-Din (2023), se diferencia por sua informalidade e a habilidade do empreendedor de "se virar" sem o suporte de grandes empresas ou conhecimentos formais. Um terceiro tipo de empreendedorismo social, o afroempreendedorismo, surgiu com foco em superar lacunas raciais e promover a inclusão de pretos e pardos no mercado (Lopes; Neves; Tolentino, 2022).

Com base nas diversas vertentes do empreendedorismo social, este artigo selecionou projetos socialmente inovadores que possuíam objetivos voltados para a educação, capacitação profissional e lazer, de modo a identificar os efeitos desses projetos no cotidiano de ex-participantes. Foi adotada, para análise de dados, uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas e o processo de codificação e categorização *a posteriori*, de modo a responder a pergunta de pesquisa deste trabalho: "Quais são os efeitos de projetos socialmente inovadores no cotidiano de moradores de comunidades no Rio de Janeiro?"

2. Fundamentação Teórica

2.1 Desigualdade Social no Brasil

No Brasil, o tema da inovação social vem ganhando destaque crescente, que pode ser atribuído, em grande parte, à intensificação das desigualdades sociais e à busca por soluções inovadoras que abordem problemas socioeconômicos de forma inclusiva e sustentável (Bezerra-de-Souza *et al.*, 2020).

Ainda segundo os autores, a inovação social no Brasil tem se tornado uma ferramenta poderosa para criar dinâmicas sociais e econômicas, com foco no combate à exclusão e na promoção de oportunidades para as populações mais vulneráveis, como os moradores de áreas carentes como as favelas.

As favelas no Rio de Janeiro, segundo Izaga *et al.* (2023), vêm ganhando espaço desde a urbanização da cidade, servindo como opção viável de moradia para os trabalhadores urbanos, que concentravam seus esforços na construção regional. Estes locais até hoje são carentes de investimento governamental, se desafiando a cada dia para conquistar direitos básicos, como saneamento, água e luz.

Com crescimento da industrialização, a mão de obra sofreu um forte impacto, reduzindo os cargos profissionais e afunilando o caminho para a empregabilidade, o que causou uma exclusão social ainda maior e, conseqüentemente, obrigando a população, que já era marginalizada, a procurar refúgio cada vez mais nas favelas (Toledo, 2018).

Analisando a desigualdade por outro viés, observa-se que, mesmo o Brasil sendo um país diverso, pretos e pardos representam mais de 9,1% e 47% da população brasileira, respectivamente, sendo que 14,2% do total desses indivíduos são residentes do RJ, segundo levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2023). Além disso, na taxa de desempregados no primeiro trimestre do ano de 2023, 11,3% são cidadãos autodeclarados pretos e 10,1% pardos, enquanto brancos representam somente 6,8% da população desempregada (IBGE, 2023).

Dessa forma, a desigualdade social no Brasil pode ser observada também pelo viés racial, pois, mesmo sendo a maioria da sociedade, esse grupo de indivíduos encontra grandes dificuldades para se inserir no mercado profissional (Lopes; Neves; Tolentino, 2022).

Portanto, iniciativas que conectem as necessidades de populações marginalizadas com soluções, muitas vezes inovadoras, tais como a criação de cooperativas e o fomento de negócios de impacto social, permitem que as comunidades tenham a chance de transformar suas realidades por meio de novas formas de organização econômica e social (Bezerra-de-Souza *et al.*, 2020), ajudando a quebrar o ciclo de exclusão, ao mesmo tempo em que criam dinâmicas de mercado que geram emprego e melhoram as condições de vida nas comunidades (Izaga *et al.*, 2023; Toledo, 2018).

2.2 Projetos Socialmente Inovadores

Temas e projetos de cunho social, tais como inovação social e empreendedorismo social, vêm sendo fortemente discutidos no campo de estudos organizacionais e econômicos por conta das crises econômicas que, nas últimas décadas, levaram as sociedades a enfrentar diversas barreiras e problemas sociais. Muitos países, em especial os menos desenvolvidos, passaram a sofrer com a alta demanda por serviços sociais resultantes do aumento populacional, pois os governos já não eram

capazes de lidar com esse crescimento, o que acarretou diversos focos de desigualdade, como no Brasil (Kon, 2018).

Segundo Kon (2018, p.591), a inovação social é descrita como “inovações que consistem em detectar novas necessidades comunitárias e responder a elas através de um processo de acumulação de conhecimento e de especialização em atividades de serviços”. Campigoto-Sandri *et al* (2020, p.10) afirmam que:

“(…) uma inovação social pode ocorrer por intermédio de diversas organizações do terceiro setor, governos, empresas privadas, iniciativas com foco em impacto social, entre outros. O tema não está limitado a pontos de crescimento econômico e tecnologias inovadoras e sim para a solução de problemas sociais como um todo”.

Inovações sociais podem ser classificadas a partir de diferentes focos, de acordo com D’Amario e Comini (2019) e com base no Manual de Oslo (1997), conforme descrito a seguir.

Produto: Introdução de um bem ou serviço novo ou significativamente aprimorado para atender a objetivos sociais. Um exemplo seria o desenvolvimento de uma plataforma digital acessível que oferece cursos gratuitos de reforço escolar e capacitação profissional para jovens de comunidades carentes.

Processo: Implementação de um método de produção ou distribuição significativamente aprimorado. Um exemplo seria a adoção de metodologias de ensino colaborativas, como oficinas de educação física integradas com aulas de cidadania, promovendo o esporte como ferramenta de aprendizado e inclusão social.

Marketing: Implementação de um novo método de *marketing* com mudanças no *design*, embalagem ou posicionamento de um produto para atender a metas sociais. Um exemplo seria uma campanha de conscientização sobre a importância do esporte na promoção de saúde e bem-estar em comunidades, utilizando redes sociais e influenciadores locais para divulgar torneios esportivos e atividades recreativas.

Organizacional: Implementação de um novo método organizacional nas práticas de negócios ou nas relações externas para atender a metas sociais. Um exemplo seria a criação de parcerias entre ONGs, escolas públicas e clubes esportivos para promover projetos educacionais e recreativos em comunidades, com um modelo de gestão colaborativa que envolve os próprios moradores na organização e execução das atividades.

Embora projetos inovadores de cunho social estejam desempenhando um papel importante no cotidiano dos indivíduos, proporcionando mudanças positivas para a sociedade, a identificação e avaliação do impacto ainda é um campo com diversas barreiras a serem exploradas, sendo sugerido seguir alguns passos, como definir as partes interessadas, definir as métricas apropriadas e medir e relatar os resultados (Cunha; Alves; Araújo, 2022).

2.3 Tipos de Empreendedorismo Social

Outra vertente do tema social são as formas de empreender visando à resolução de problemas sociais.

Segundo Oliveira, Silva e Costa (2023), o empreendedorismo é caracterizado pelo ato de criar e/ou inovar a partir das oportunidades observadas no cotidiano. Por isso, um empreendedor pode ser descrito como sendo um bom observador para constatar

quais são as necessidades no ambiente em que está inserido, devendo ser corajoso, resiliente e comprometido, tendo em vista as incertezas que o esperam, para que seu negócio se mantenha estável na obtenção de reconhecimento no mercado e alcançar as metas almejadas.

A partir do entendimento de que o empreendedorismo tem foco nas oportunidades de criação e inovação para sanar necessidades da sociedade, vale ressaltar que existem vertentes do empreendedorismo social, destacando-se o Empreendedorismo Social Tradicional, o Empreendedorismo Social à Brasileira e o Afroempreendedorismo, sendo que todos possuem cunho social, mas utilizando meios e práticas diferenciadas.

O Empreendedorismo Social Tradicional, de acordo com Oliveira, Silva e Costa (2023), está diretamente relacionado à utilização de recursos voltados à obtenção de lucro para o desenvolvimento de produtos e serviços que gerem impactos positivos na sociedade e contribuam para a solução das adversidades e necessidades que, diariamente, são enfrentadas por uma grande parcela dessa sociedade.

O Empreendedorismo Social à Brasileira, abordado por Afonso e Sarayed-Din (2023), tem por finalidade o estudo de empreendimentos brasileiros que se diferenciam das formas já conhecidas sobre empreendedorismo que as empresas maiores utilizam e, mesmo “se virando”, esses empreendedores conseguem sucesso financeiro. O termo “virador” refere-se ao indivíduo brasileiro que utiliza a habilidade de aproveitar o cenário no qual está inserido e vê nele oportunidades de empreender sem o auxílio de um conhecimento prévio e, mesmo assim, consegue “se virar”.

Diferente do empreendedor social tradicional, que tem um perfil racional e analítico e costuma agir de forma individual, o empreendedor à brasileira não se enquadra nos aspectos citados, e por isso os estudos sobre a forma tradicional no assunto não são abrangentes e inclusivos com todas as vertentes do empreendedorismo social (Afonso; Sarayed-Din, 2023).

O empreendedorismo social racial, por sua vez, enfatiza os meios de inclusão social racial trazendo à tona o tema afroempreendedores. A relação entre os afroempreendedores e a inovação social é estabelecida em torno do empreendedorismo social que, segundo Lopes, Neves e Tolentino (2022), possui forte influência da perspectiva do empreendedor e suas motivações para solucionar lacunas sociais de raça, como, por exemplo, a empresa tecnológica do ramo financeiro D’Black Bank, que tem como função principal disponibilizar verba para afroempreendedores brasileiros.

Dessa forma, entende-se que o empreendedorismo social, assim como as inovações sociais, tem como foco a solução de problemas sociais que criam pontos de desigualdade que afetam alguns grupos de indivíduos com características semelhantes, como pessoas pretas ou pardas, de acordo com as informações abordadas por Lopes, Neves e Tolentino (2022) e IBGE (2023).

3. Metodologia

A pesquisa deste trabalho é classificada como descritiva e com o emprego do método qualitativo (Gil, 2002), utilizando, para a coleta de dados, entrevistas

individuais semiestruturadas que permitem a liberdade em readaptar os roteiros (Creswell, 2007).

A coleta de dados foi feita a partir de sete entrevistas semiestruturadas, cujo número, segundo Thiry-Cherques (2009), se adequa à faixa de seis a doze entrevistas, sendo que a partir da oitava já se atinge o ponto de saturação. Estes indivíduos necessariamente moram em favelas, possuem idade entre 22 e 30 anos e já participaram de projetos de inovação social, de acordo com o Quadro 1 a seguir.

Como meio de localizar esses indivíduos, foi utilizado o método "bola de neve", que é descrito por Vendrame e Pinsky (2011) como sendo uma técnica em que atores de determinado tema indicam outros atores do mesmo tema e assim sucessivamente.

Cada entrevista durou em torno de 20 minutos, que posteriormente foram transcritas utilizando a extensão gratuita *Colaboratory* do Google, que faz uso de Inteligência Artificial para proporcionar uma transcrição mais precisa. Porém, o texto foi revisado, quando necessário, antes de ser utilizado para a análise. Cabe ressaltar que os participantes consentiram previamente a gravação por meio de autorização verbal e foram mantidos anônimos.

Quadro 1 – Perfil dos Entrevistados e Informações sobre os Projetos

ENTREVISTADO	IDADE	PROJETO	ESCOPO	LOCALIZAÇÃO	PERÍODO DE PARTICIPAÇÃO
Entrevistada 1 (E1)	26	Vôlei Show	Aulas esportivas de vôlei de praia utilizando máquinas como inovação para automatizar o lançamento nos treinos de saque	Gardênia Azul	2010 a 2011
Entrevistado 2 (E2)	26	Pré-vest Cederj	Preparatório para vestibular utilizando recursos eletrônicos como forma de ensino como vídeo aulas e simulados digitais	Gardênia Azul	2016 a 2017
Entrevistado 3 (E3)	22	Projeto Bruninho	Preparatório para vestibular utilizando recursos eletrônicos como forma de ensino como vídeo aulas e simulados digitais	Irajá	2023
Entrevistada 4 (E4)	30	Música para Todos	Aulas de música que utilizavam recursos eletrônicos como afinadores de instrumentos virtuais, partituras digitais, entre outras funcionalidades	Cidade de Deus	2021 a 2022
Entrevistado 5 (E5)	24	Amanhã Digital	Aulas de informática e programação	Jardim América	2022
Entrevistado 6 (E6)	25	Luz do Futuro	Curso de eletrônica para jovens	Vila Kennedy	2022 a 2023

Entrevistada 7 (E7)	28	Pré-vestibular	Preparatório para vestibular utilizando recursos eletrônicos como forma de ensino como vídeo aulas e simulados digitais	Maré	2015 a 2016
---------------------	----	----------------	---	------	-------------

Fonte: Elaboração própria, 2025

Foram definidas dez perguntas, baseadas na pergunta de pesquisa, que estão apresentadas no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Roteiro das entrevistas

Pergunta 1: Qual é o nome do projeto que você fazia parte e o seu objetivo?
Pergunta 2: Quais atividades faziam parte do dia a dia no projeto?
Pergunta 3: Como você ficou sabendo do projeto?
Pergunta 4: O que te motivou a participar do projeto?
Pergunta 5: O projeto era localizado em uma comunidade?
Pergunta 6: A localização do projeto foi um problema para seu desenvolvimento?
Pergunta 7: Morar em comunidade era prejudicial para suas atividades no projeto?
Pergunta 8: O seu trabalho atual ou formação acadêmica tem correlação com o projeto?
Pergunta 9: Quais foram os benefícios em ter participado do projeto?
Pergunta 10: Existiam pontos negativos no projeto? Quais?

Fonte: Elaboração própria, 2025

Para a análise dos dados, foram seguidos os seis passos descritos por Creswell (2007): **Passo 1** – Organização e preparação dos dados para análise utilizando a ferramenta *Colaboratory*; **Passo 2** – Leitura de todos os dados; **Passo 3** – Análise detalhada, junto a um processo de categorização *a posteriori*, utilizando o serviço de inteligência artificial ChatGPT; **Passo 4** – Uso de codificação, também realizada via ChatGPT e descrição dos participantes para além das categorias para um melhor agrupamento de informações; **Passo 5** – Organização das informações extraídas; e **Passo 6** – Interpretação e análise dos dados.

Dessa forma, após a coleta, foi necessária a codificação e a categorização das informações, de modo a encontrar temas, padrões e significados entre as respostas obtidas (Creswell, 2007). Para a codificação, foi utilizada a ferramenta de inteligência artificial ChatGPT. O Quadro 3, a seguir, apresenta os resultados da codificação das respostas.

Quadro 3 – Codificação das Respostas

Inclusão social	Todos os perfis mencionaram que o projeto que participaram possuía foco em inclusão social e desenvolvimento de habilidades.
Constância do projeto	A maioria dos projetos incluía práticas regulares de aulas e encontros.
Motivação pessoal e Habilidades	Todos os participantes possuíam um interesse pessoal em suas atividades (esporte, música, estudos) e alegaram que as habilidades desenvolvidas/exploradas nos projetos são de serventia até os dias atuais
Limitação de recursos	Todos os entrevistados alegaram que os recursos dos projetos eram limitados. Além disso, indivíduos que não moravam na mesma comunidade onde o projeto era localizado possuíam dificuldade de locomoção e acesso.

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Após a codificação, foi realizada a categorização *a posteriori* dos “grupos”, que, segundo Creswell (2007), trata-se do agrupamento por inter-relação do material obtido relacionado às perguntas feitas. Para tal, foi utilizada a ferramenta de inteligência artificial ChatGPT, conforme apresentado a seguir no Quadro 4.

Quadro 4 – Roteiro das Entrevistas com Categorização *a Posteriori*

INCLUSÃO SOCIAL
Pergunta 1: Qual é o nome do projeto que você fazia parte e o seu objetivo?
Pergunta 3: Como você ficou sabendo do projeto?
Pergunta 5: O projeto era localizado em uma comunidade?
CONSTÂNCIA DO PROJETO
Pergunta 2: Quais atividades faziam parte do dia a dia no projeto?
Pergunta 6: A localização do projeto foi um problema para o seu desenvolvimento?
Pergunta 7: Morar em comunidade era prejudicial para suas atividades no projeto?
MOTIVAÇÃO PESSOAL E HABILIDADES
Pergunta 4: O que te motivou a participar do projeto?
Pergunta 8: O seu trabalho atual ou formação acadêmica tem correlação com o projeto?
Pergunta 9: Quais foram os benefícios em ter participado do projeto?
LIMITAÇÃO E OBSTÁCULOS
Pergunta 10: Existiam pontos negativos no projeto? Quais?

Fonte: Elaboração própria, 2025

4. Análise e Discussão dos Resultados

Esta seção apresenta a análise e a discussão dos depoimentos dos entrevistados, a partir das quatro categorias estabelecidas, correlacionados com a fundamentação teórica.

4.1 Projetos Socialmente Inovadores como Forma de Inclusão Social

Segundo Toledo (2018), a desigualdade social no Brasil é uma realidade e por isso surgiram diversas iniciativas com foco na resolução de problemas sociais, tais como os projetos socialmente inovadores. Estes, por sua vez, focam em formas de inclusão social por meio da educação, esporte e lazer, dentre outros.

Pergunta 1: Qual é o nome do projeto que você fazia parte e o seu objetivo?

“Eu fazia parte de um Pré-vestibular da CEDERJ e ele tinha como objetivo preparar a gente pra vestibulares, mas o principal era o ENEM [Exame Nacional do Ensino Médio]. O projeto queria que a gente tivesse mais oportunidades, principalmente morando em favelas, onde a educação de qualidade não é muito fácil de ter acesso” - E7.

“O projeto que participei se chamava Música Para Todos e o objetivo era proporcionar acesso à educação musical pra quem não tinha oportunidades de pagar aulas de música” - E4.

“Participei do projeto Luz do Futuro, que era um curso técnico de eletrotécnica aqui na Vila Kennedy. O objetivo era ensinar o pessoal aqui da favela sobre elétrica e preparar a gente pro mercado de trabalho, caso desejasse seguir nessa área ou se capacitar pra conseguir ‘se virar’” - E6.

“O projeto que participei era sobre vôlei de praia e ensinava as crianças a jogar vôlei e, também, a praticar exercícios físicos pra melhorar a saúde” - E1.

Nos depoimentos desta pergunta, foi possível notar que todos os projetos sociais tinham a finalidade de desenvolver de formas de inclusão social, como o acesso a ensino de qualidade ou desenvolvimento de habilidades para qualificação para o mercado de trabalho.

Pergunta 3: Como você ficou sabendo do projeto?

“Fiquei sabendo do projeto através de um amigo que também morava na favela e já participava. Ele me contou sobre as aulas de programação e sobre as oficinas, o que me chamou muito a atenção” – E5.

“Fiquei sabendo através de uma amiga da minha mãe, que trabalhava na escola onde iam acontecer as aulas do projeto. No começo, fiquei meio com o pé atrás por causa da distância, porque ia precisar sair da Maré e às vezes a volta podia ser arriscada. Mas, quando conheci mais sobre o projeto, decidi arriscar e me inscrevi, porque era uma chance que eu realmente não podia perder” – E7.

“Fiquei sabendo por um vizinho que estava participando, ele comentou que era de graça e que tinha curso de eletrotécnica e era uma coisa que eu já tinha interesse. Como o projeto era na Vila Kennedy mesmo, decidi ir ver como era e resolvi me inscrever” - E6.

“Soube do projeto através de um amigo que já tinha participado no ano anterior e disse que a nota no Enem tinha melhorado muito. O fato de ser de graça e perto de casa influenciou muito” - E3.

Pergunta 5: O projeto era localizado em uma comunidade?

“Sim, o projeto funcionava em um *container* reformado no campo aqui perto de casa, então era bem acessível para quem morava na favela ou perto” – E5.

“Sim, mas era em outra favela, fora da Maré. Por isso, eu tinha que tomar cuidado pra sair e voltar num horário seguro, porque passar por essas áreas onde podia ter troca de tiro era sempre um ponto que me preocupava, e muitas vezes eu avisava minha mãe sobre meus horários pra ela não ficar preocupada” – E7.

“O projeto era em outra comunidade. Ele acontecia em um espaço cultural que ficava longe da Cidade de Deus e eu precisava fazer um deslocamento mais complicado pra chegar. A diferença de localização fazia com que eu demorasse mais tempo no ônibus após passar o dia trabalhando” – E4.

“Sim, o projeto estava localizado na minha comunidade, Gardênia Azul. Isso facilitou bastante minha participação, já que eu poderia ir a pé para os treinos sem me preocupar com ônibus” – E1.

A partir dos depoimentos dados às duas perguntas, é possível notar que o projeto localizado na mesma favela de residência do participante ou perto era um fator positivo para a inclusão social e, no sentido oposto, se tornava um possível dificultador.

4.2 A importância da constância dos projetos para o desenvolvimento dos indivíduos

Pergunta 2: Quais atividades faziam parte do dia a dia no projeto?

“A rotina era puxada e cheia de conteúdo, com aulas de matemática, português, redação, geografia, história. A gente sempre fazia simulados como as provas de verdade, o que ajudava muito a perder o medo e a conhecer como funciona uma dinâmica de vestibular, principalmente pra mim que nunca tinha prestado o ENEM e tinha várias dúvidas” – E7.

“A rotina no projeto era bem legal. As aulas eram divididas em teoria musical e prática com instrumentos, onde eu escolhi aprender violão. Nos ensaios, a gente tocava junto e conversava bastante sobre nossas rotinas e como o projeto nos ajudava no dia a dia” – E4.

“A gente treinava pelo menos duas vezes na semana e tinha aulas práticas pra aprender tudo sobre o vôlei de praia, o que aumentou meu interesse em não faltar, porque se faltasse muito o professor não deixava jogar, só escrever sobre ‘coisas’ de vôlei” – E1.

A partir dos depoimentos, há um alinhamento com Bezerra-de-Sousa *et al.* (2020), no qual as favelas são áreas marginalizadas e negligenciadas politicamente e a importância de um projeto social neste contexto.

Pergunta 6: A localização do projeto foi um problema para seu desenvolvimento?

“Não, a facilidade de acesso me permitia frequentar as aulas e ainda participar de atividades extras que aconteciam depois do horário, como conversar melhor com os convidados ou tirar dúvidas com os professores sobre meu computador pessoal” – E5.

“Sim, bastante. Como precisava pegar ônibus e me deslocar entre comunidades, eu sempre ficava atenta a horários e a possíveis confrontos na volta. Às vezes, tinha que decidir entre ir ou não dependendo de como estava a situação de segurança no dia. E nos dias em que o clima na Maré estava mais tenso e tinha troca de tiro eu acabava perdendo aula, o que complicava ainda mais o aprendizado” – E7.

“Com certeza, a localização foi um fator complicado, porque eu fazia as aulas depois que saía do trabalho e isso aumentava ainda mais o nível de dificuldade em comparecer ao projeto, sem contar os dias em que havia confrontos ou operações policiais. Em várias ocasiões eu precisei voltar mais cedo ou nem ir” – E4.

“Não, de jeito nenhum! Na verdade, ter o projeto na minha própria comunidade foi um grande ponto positivo. O acesso facilitado me permitiu participar de todas as atividades sem me preocupar com o transporte ou com a segurança” – E2.

“Não, a localização foi um fator positivo! Estar perto de casa me deu acesso fácil ao projeto e me ajudou a manter o compromisso com os treinos. Não houve dificuldades relacionadas ao local; pelo contrário, foi um facilitador” – E1.

Pergunta 7: Morar em comunidade era prejudicial para suas atividades no projeto?

“Não, pelo contrário morar perto do projeto que também ficava na favela me dava mais liberdade para ir nas aulas e fazer atividades do projeto sem me preocupar com o caminho de ida e volta” – E5.

“Sim, em muitos momentos foi um desafio. Morar na Maré significava lidar com tiroteios, operações [policiais] e ruas bloqueadas, então isso afetava direto minha rotina de estudos. Tinha dias que eu ficava nervosa antes de sair de casa, porque não sabia se ia conseguir voltar sem algum problema” – E7.

“Infelizmente sim. A realidade de viver na Cidade de Deus tem seus desafios em dias de tiroteio ou de uma operação [policial] e o caminho que eu normalmente fazia para as aulas se tornava um risco. O receio de sair e não conseguir voltar era constante. Isso me fez perder algumas aulas e interferiu no meu desenvolvimento” – E4.

“Não, morar na Gardênia Azul me trouxe mais vantagens, porque o projeto era perto de casa e eu conhecia muita gente que fazia aula comigo, então eram boas companhias pra ir e voltar das aulas” – E2.

É possível notar pelos depoimentos que diversos fatores externos podem abalar a participação de um indivíduo em um projeto. Entretanto, não resultaram em maior exclusão social e sim no crescimento com superação de obstáculos.

4.3 A importância dos projetos no desenvolvimento de habilidades pessoais

A desigualdade social, muitas vezes, retira oportunidades para indivíduos que desejam se desenvolver, conhecer novas culturas e ter oportunidades profissionais mais qualificadas. Por isso, ao questionar os ex-participantes sobre a motivação para a participação nos projetos socialmente inovadores, pode-se observar diversos outros propósitos que vão além das habilidades pessoais.

Segundo Kon (2018), as inovações sociais se tornam necessárias para, por meio de atividades, bens e serviços, sanar problemas sociais como a inclusão social, acesso a novas tecnologias, ampliar as redes de comunicação ou fornecer meios de qualificação.

Pergunta 4: O que te motivou a participar do projeto?

“Sempre gostei de tecnologia, mas nunca tive dinheiro para pagar um curso, então essa era uma oportunidade única para mim. Fiquei motivado, porque sabia que aprender programação poderia me ajudar a conseguir um trabalho que pagasse bem” – E5.

“Sempre tive o sonho de trabalhar na área de saúde e o preparatório gratuito era uma oportunidade pra me preparar e tentar o vestibular em Enfermagem. A motivação era ainda maior pensando que, com uma profissão, eu teria mais chances de dar uma vida mais segura pra mim e minha família” – E7.

“Desde criança eu sempre tive interesse em tocar violão, mas minha mãe não tinha condições de pagar aulas e foi a partir do projeto que hoje eu tenho como *hobby* compor e tocar violão” – E4.

“A principal motivação para participar do projeto foi a vontade de mudar minha realidade e ter a chance de estudar em uma universidade. A visão de ter um futuro melhor e poder contribuir para a minha família me incentivou a aproveitar essa chance” – E3.

“A motivação para participar do projeto foi, primeiramente, o meu amor pelo esporte desde muito nova. Eu sempre joguei vôlei e queria continuar praticando, especialmente em um ambiente que fosse acolhedor e divertido” – E1.

Pergunta 8: O seu trabalho atual ou formação acadêmica tem correlação com o projeto?

“Tem bastante influência! O projeto foi um primeiro passo que me ajudou a tomar gosto pela área da saúde e me deu a base pra seguir no curso técnico em

Enfermagem. Hoje trabalho na área da saúde como enfermeira, mas foi por conta do pré-vestibular que tive a oportunidade de aprender um pouco mais, fazer a prova do vestibular com mais confiança e conseguir uma nota boa pra bolsa de estudos que me ajudou na formação” – E7.

“Embora o projeto não tenha uma relação direta com o meu trabalho como assistente social, o projeto me proporcionou uma visão mais ampla sobre o impacto da cultura na vida dos jovens. Aprendi que a música e as artes podem ser ferramentas poderosas para a inclusão e a transformação social” – E4.

“Influência direta, não. Mas o curso de eletrotécnica me ensinou muita coisa que eu levo pro meu trabalho, como responsabilidade, foco e organização. Eu gostaria de trabalhar na área de elétrica e ainda faço alguns serviços de vez em quando” – E6.

“Embora meu trabalho em Recursos Humanos não esteja diretamente ligado ao vôlei, as habilidades que adquiri no projeto foram extremamente úteis. A vivência em equipe no vôlei me ensinou a lidar com diferentes personalidades e a trabalhar em conjunto para alcançar objetivos comuns” – E1.

A partir desses depoimentos, verifica-se a afirmação de Campigotto-Sandri *et al.* (2020) sobre a necessidade de projetos socialmente inovadores resultarem em impactos sociais. Embora alguns entrevistados não tenham seguido nas áreas específicas de alguns projetos, eles usufruem das habilidades e conhecimentos adquiridos até os dias atuais.

Pergunta 9: Quais foram os benefícios em ter participado do projeto?

“No projeto eu aprendi a programar do ‘zero’ e era uma coisa que eu não sabia, mas sempre tive vontade de aprender e isso gerou mais interesse a ponto de cursar o curso médio técnico em informática e fez com que surgissem várias oportunidades, como o estágio atual” – E5.

“Participar do projeto Música Para Todos trouxe uma série de benefícios que vão além da música. Aprendi a disciplina e a importância do trabalho em equipe, habilidades essenciais no meu trabalho como assistente social. Além disso, a música se tornou uma forma de expressão e um alívio emocional no meio das dificuldades do dia a dia” – E4.

“Participar do Luz do Futuro foi uma virada na minha vida. Primeiro, adquiri uma profissão que me permite fazer serviços por fora e ganhar um extra quando preciso. Consegui usar o que aprendi pra ajudar minha família. Outra coisa importante foi a confiança que o curso me deu” – E6.

“Participar do Preparatório para Vestibular foi fundamental para minha trajetória. Primeiro, consegui ingressar na universidade, um sonho que sempre tive. Os conhecimentos que desenvolvi me ajudaram a ter mais segurança nas provas. Sinto que, graças ao preparatório, consegui um futuro melhor” – E2.

4.4 Limitações e obstáculos

Embora a maioria dos depoimentos tenha cunho positivo, existem alguns pontos dificultadores à participação.

Pergunta 10: Existiam pontos negativos no projeto? Quais?

“O principal ponto negativo foi, sem dúvida, a localização do projeto. Por estar em uma comunidade diferente, enfrentava obstáculos relacionados à segurança e ao caminho. Alguns alunos desistiam por causa da dificuldade em chegar até lá” – E4.

“Um dos pontos negativos era a limitação de equipamentos e materiais. Às vezes, a gente tinha que dividir ferramentas ou esperar para poder usar. Isso atrasava um pouco, principalmente nas atividades práticas. Também faltavam alguns equipamentos mais avançados, então a gente ficava na vontade de aprender mais. Mas o empenho dos professores e a paciência deles compensavam essas limitações, e no fim das contas, todo mundo conseguia aprender bem” – E6.

“Um dos pontos negativos foi a falta de materiais de estudo pra todo mundo além das apostilas *online*. A falta de um laboratório de informática, por exemplo, limitava as aulas de redação e as turmas eram grandes, o que tornava difícil dar atenção individual pra todo mundo” – E3.

Os depoimentos destacaram pontos negativos ou de melhoria, tais como as questões relacionadas à segurança, bem-estar e locomoção dos indivíduos, além de locais pequenos, sem materiais suficientes e com pouca mão de obra para lecionar e conduzir as aulas.

Em resumo, é possível perceber que os projetos socialmente inovadores surtem efeitos na vida de ex-participantes, sendo observados a partir dos relatos das experiências e vivências individuais.

5. Conclusão e Contribuições

Este artigo apontou, a partir da aplicação de entrevistas, que os projetos socialmente inovadores geram efeitos positivos aos indivíduos que participaram deles e que desenvolveram conhecimentos e habilidades que utilizam até hoje de forma corriqueira. Além disso, embora os participantes não sigam necessariamente na mesma área ou algo semelhante ao tema do projeto, os mesmos desfrutam de talentos desenvolvidos por influência das iniciativas que participaram.

Além disso, algumas das inovações sociais tinham cunho educacional, indicando que o projeto poderia servir não só como um fim, mas como um meio de alcançar um objetivo final, influenciando tanto a vida educacional, quanto a profissional.

A desigualdade social ficou clara durante os depoimentos. É possível notar que diversos participantes optaram em ingressar nos projetos para realizar uma tarefa ou desenvolver uma habilidade que não seria possível obter em suas realidades, dados todos os obstáculos dos seus cotidianos, como a falta de dinheiro, a dificuldade de locomoção ou mesmo os horários que não eram favoráveis, e que a única forma de contornar os obstáculos foi participando de uma iniciativa socialmente inovadora.

Ainda assim, a violência e a insegurança da cidade e das favelas foi um ponto que influenciou negativamente o desenvolvimento de alguns entrevistados, principalmente os que não residiam na mesma favela, ou perto, de onde o projeto acontecia.

Finalmente, é importante destacar que a fim de evitar que a desigualdade social cresça no Brasil, notadamente nas favelas, os projetos socialmente inovadores são instrumentos fundamentais de transformação social, trazendo impactos positivos inclusivos e sustentáveis na vida daqueles que participam desses projetos.

Referências Bibliográficas

AFONSO, R; SARAYED-DIN, L. Inovações de encruzilhada e desenvolvimento sustentável no Rio de Janeiro. **Estudios de la Gestión**, n.13, p. 55-74, 2023. Disponível em: http://scielo.senescyt.gob.ec/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2661-65132023000200055&lng=es&nrm=i&tlng=pt.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **PNAD Contínua Trimestral**: desocupação cresce em 16 das 27 UF's no primeiro trimestre de 2023. Estatísticas Sociais, 18 de maio de 2023. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/36942-pnad-continua-trimestral-desocupacao-cresce-em-16-das-27-ufs-no-primeiro-trimestre-de-2023#:~:text=A%20taxa%20de%20desocupa%C3%A7%C3%A3o%20por,pardos%20\(10%2C1%25\)](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/36942-pnad-continua-trimestral-desocupacao-cresce-em-16-das-27-ufs-no-primeiro-trimestre-de-2023#:~:text=A%20taxa%20de%20desocupa%C3%A7%C3%A3o%20por,pardos%20(10%2C1%25)).

BEZERRA-DE-SOUSA, I. G; SEGATTO, A. P; MORAIS-DA-SILVA, R. L; JUSTEN, G. S. As Atividades que compõem as fases do processo de inovação social: um estudo no contexto dos negócios de impacto social. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, São Paulo, v.24, n.1, p.126-143, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgn/a/Thvr5rgmhHBPpNYxXvNWswr/?format=pdf&lang=pt>.

COMPIGOTTO-SANDRI, E; CACIATORI-JUNIOR, I; CHAPAVAL-PIMENTEL, P; MEIRA-TEIXEIRA, R. Empreendedorismo social e inovação social: uma análise bibliométrica. **Estudios Gerenciales**, v. 36, n. 157, p. 511-524, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/212/21265891013/html/>.

CRESWELL, J. W. Procedimentos qualitativos. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: **Artmed**, cap. 10, p.184-210, 2007.

CUNHA, J; ALVES, W; ARAÚJO, M. Desafios na medição do impacto da inovação social: Barreiras e intervenções para superar. **Revista de Administração da Mackenzie**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/FcXvpcGjNLzd9q4KkrjBKv/>.

D'AMARIO, E. Q; COMINI, G. Inovação social nos empreendimentos sociais brasileiros: uma proposta de escala para sua classificação. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, São Paulo, v.22, n.1, p.104-122, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgn/a/BJhFktM5v9HwsSLfwSnBhmF/?format=pdf&lang=pt>.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4.ed. São Paulo: **Atlas**, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html>.

IZAGA, F; D'AVILA, R; VIEGAS BARBOSA, P; SALAMAN RODRIGUES, G; GUIMARÃES POUGY, R.; MARTINS RUIZ, L.; SOUSA PAULO, M. E. Morfologia da favela na Zona Norte no Rio de Janeiro: A relação entre a urbanização formal e a

forma de crescimento da informalidade. **Revista de Morfologia Urbana**, [S. l.], v. 11, n. 1, 2023. DOI: 10.47235/rmu.v11i1.294. Disponível em: <https://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/294>.

KON, A. A inovação nos serviços como instrumento para a Inovação Social: uma visão integrativa Services innovation as a tool to social innovation: an integrative vision. **Revista de Economia Política**, v. 38, n. 3, p. 584-605, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/gFYVpmYTKXgtgtc7wwyB5dr/?format=pdf&lang=pt>.

LOPES, R. O; NEVES, M. D; TOLENTINO, R. S. S. Inovação Social: Estudo das Ações e Valores Criados pelos Afroempreendedores. **Revista Pretexto**, v.23, n.2, p.67-85,2022. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/67811/inovacao-social-estudo-das-acoes-e-valores-criados-pelos-afroempreendedores->.

Manual de Oslo: diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação, 1997. Disponível em: <http://www.finep.gov.br/images/apoio-e-financiamento/manualoslo.pdf>.

OLIVEIRA, A. G; SILVA, T. M; COSTA, B. M. G. Fatores Motivacionais: Empreendedorismo Social e Sustentável. **XXV ENGEMA**, Novembro 2023. Disponível em: <https://engemausp.submissao.com.br/25/anais/arquivos/681.pdf?v=1714331941>.

THIRY-CHERQUES, H. R. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. **Revista PMKT**, 2009. Disponível em: <https://revistapmkt.com.br/wp-content/uploads/2009/03/SATURACAO-EM-PESQUISA-QUALITATIVA-ESTIMATIVA-EMPIRICA-DE-DIMENSIONAMENTO.pdf>.

TOLEDO, B. A formação das favelas na cidade do rio de janeiro: uma análise baseada na segregação populacional e exclusão social. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 1 n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22211>.

VENDRAME, A.; PINSKY, I. Ineficácia da autorregulamentação das propagandas de bebidas alcoólicas: uma revisão sistemática da literatura internacional. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 33, n. 2, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/WrLQqyWs9WzrWTSbDVjnGRP/?format=pdf&lang=pt>.

36° ENANGRAD